

A construção de sentidos em textos de humor de comédia *Stand Up*: um estudo de caso

Gerson Rodrigues¹
Mário Monteiro²

RESUMO: A Linguística Cognitiva dá uma nova perspectiva na visão sobre as análises do humor, mais especificamente sobre a análise dos textos do gênero *stand up*. Neste trabalho, objetiva-se entender qual o caminho tomado por um comediante na construção da sua piada a fim de resultar em risadas provindas da plateia e por quais razões esse ato é falho. É notório que o humor pode ser considerado uma exemplificação desses processos cujo riso advém de situações engraçadas que nem sempre são imaginadas num primeiro momento pelo receptor e isso acaba fazendo com que a reação seja inesperada causando, o que chamamos de quebra de expectativa, mas esse não é o único motivo pelo qual a piada se fundamenta e ocorre. Durante esse trabalho entenderemos como a linguística cognitiva pode nos auxiliar nesse sistema de sentido. Os estudos na área da cognição dão início aos processos iniciados por Fillmore (1972,1975), Reddy (1979), Lakoff e Johnson (1980), dentre outros que tratam da necessidade de questões externas a estrutura linguística para que a comunicação entre interlocutores seja mais completa. O conhecimento enciclopédico passa a ser peça fundamental para a criação de novos sentidos a partir de sentidos já existentes e adquiridos anteriormente através de frames que são ativados em metáforas que se mesclam e formam tal sentido. Para isso, a análise é estruturada a partir do diagrama apresentado por Fauconnier (1985) onde todo o processo mencionado acontece, e assim é possível ver que o compartilhamento de domínios entre a plateia e o comediante é o que faz a criação do cômico naquele momento do ápice da punch line e não pode-se atingir a todos visto que nem todo mundo tem a mesma noção de conceitos de o próprio *showman*.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Humor. Stand-up. Mesclagem. Metáfora conceptual.

ABSTRACT: The Cognitive Linguistics gives us a new perspective in viewing the humor analyzes, more specifically on the analysis of the stand-up genre. In this work, the objective is to understand what is the path taken by a comedian in the construction of a joke to result in laughter emanating from the audience and the reasons which this act is defeated. It is well known that humor can be considered an exemplification of these processes whose laughter comes from funny situations that are not always imagined at first by the receiver and this ends up causing an unexpected reaction causing, what we call expectation break, but this it is not the only reason that the joke is based on and occurs. During this work we will understand how cognitive linguistics can help us in this system of meaning. Studies in the area of cognition initiating the process

¹ Professor Adjunto de Língua Portuguesa pela UFRRJ. Doutor em Letras pela UFF.

² Graduado em Letras pela UFRRJ.

studied by Fillmore (1972,1975), Reddy (1979), Lakoff & Johnson (1980), among others which dealing with the need for external issues of the linguistic framework so that the communication between partners is more complete. The encyclopedic knowledge becomes fundamental for the creation of new meanings from the existing and previous sense acquired through frames that are activated in metaphors which merge and form such notion. To do so, the analysis is structured from the diagram presented by Fauconnier (1985) where all the mentioned process takes place and thus, you can see that domains sharing between the audience and the comedian is what makes the creation of the comic at the time of punch-line of the apex and you cannot reach everyone because not everyone has the same sense of concepts of the showman himself.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics. Humor. Stand-up. Blending. Conceptual metaphor.

1 Introdução

Com o objetivo de aprimorar os estudos linguísticos, alguns pesquisadores – Fillmore (1972,1975); Lakoff e Jonhson (1980), Fauconnier and Turner (1980), Reddy (1979), dentre outros – iniciaram pesquisas no âmbito da cognição e ganharam seu espaço com a Linguística Cognitiva. A expressão “cognitivismo” pode aplicar-se também a estudos de base gerativista, cujas pesquisas sobre mecanismos que busquem compreender como a mente funciona – principalmente em aquisição e processamento de frases em estudos atuais em psicolinguística que tomam por base conceitos do gerativismo. Apesar disso, as perspectivas são distintas perante a Linguística Cognitiva, doravante LC, que prioriza a língua em uso.

Para entender como funciona a construção de sentidos a partir da reedição de frases ou expressões já conhecidas, é importante que tenhamos uma noção dos processos cognitivos desenvolvidos e estudados pelos linguistas citados acima. A Semântica de *frames* foi uma das primeiras a surgir a partir da transição de Fillmore com a necessidade de entender o valor semântico das palavras e quais suas possíveis projeções a um nível subjetivo onde o *conhecimento de dicionário* torna-se insuficiente, e a experiência que cada indivíduo tem dentro de um grupo social é levado em consideração e passa-se a usar o termo *conhecimento enciclopédico*. Alguns autores, como o próprio Fillmore (1972) atestam a similaridade entre processos como MCI (modelos cognitivos Idealizados), *scripts*, *schemas* e *frames*. No entanto, o último

mencionado pode ser compreendido por estruturas de conhecimento que ativam determinado(s) conceito(s) que são ativados pelo conhecimento enciclopédico.

As metáforas conceptuais surgem com a mesma intenção de aprofundar os estudos nessa área, logo após Fillmore. Com o surgimento do livro *Metaphors we live by* (no Brasil, conhecido por *Metáforas da vida cotidiana*), a noção de metáfora como figura de linguagem e processo literário para a identificação e realce dentro de gêneros literários. A propósito, Lakoff assegura que nós pensemos e nos comunicamos através de estruturas metafóricas, o que certifica a ideia de que metáforas são criadas ainda em pensamento. Com isso, digamos que a metáfora é, por essência, um procedimento que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro.

Outra teoria que fundamenta a nossa reflexão sobre as piadas e seus possíveis resultados a partir da acepção dentro de um enredo é a dos Espaços Mentais, que, superficialmente, seria a capacidade de criação sentida a partir de outros que já existem e que, geralmente estão estruturadas metaforicamente ou em frames. Dentro dessa teoria temos uma “subteoria” nomeada mesclagem conceptual, que como o próprio nome sugere, misturam as ideias trazidas em domínios ativados. E assim teremos uma visão de como ocorrem as piadas, conhecidas como *punch lines* e de que forma elas incitam resultados positivos na plateia.

O Objetivo desta pesquisa é entender, a partir da LC, o motivo pelo qual as pessoas acham graça das piadas e porque parte do público não acha engraçado certas piadas. Já é de conhecimento público que há uma quebra de expectativa na hora da piada. Seja ela feita a partir de um palavrão ou a partir de alguma ideia fora do pensamento linear de certo assunto.

Portanto, para que se possa compreender bem a desenvoltura do Cognitivismo e sua relevância na análise desse trabalho, iremos partir de uma breve análise do que é a Linguística Cognitiva, que se encontra no segundo capítulo, e dentro dele, nós subdividimos processos e conceitos essenciais para que consigamos chegar ao nosso objetivo. Na seção *O que é Linguística Cognitiva?*, encontraremos a transação do gerativismo para a cognitivismo e os relevantes questionamentos para essa mudança de abordagem e de que forma a construção desses conceitos é realizada na nossa mente. Na próxima seção, abordaremos as visões teóricas de categorização, prototipicalidade e os

modelos conceituais idealizados, doravante MCI, que são, entre outras palavras, parte da organização mental que se dá nos nossos conceitos sobre as coisas e estruturas. Nessa seção iremos começar a entender os processos cognitivos que irão movimentar a nossa pesquisa, são eles: a Semântica de *Frames*, Metáfora Conceptual, Teoria dos Espaços Mentais e Mesclagem Conceptual. Todas elas são conceitualizadas respectivamente para que após isso possamos analisar a peça do Fabio Porchat, *Fora do Normal* utilizando o modelo de esboço apresentado por alguns dos autores, tais como Fauconnier e Turner (1980) a fim de chegarmos aos nossos objetivos já explicitados.

É importante salientar que por se tratar de um trabalho monográfico, seria inviável uma análise mais densa, pretendendo-se continuar essa pesquisa numa futura dissertação.

2 A linguística cognitiva

Com o propósito de expandir os estudos sobre a linguagem para um âmbito não muito aprofundado – visto que Chomsky já citava a cognição no gerativismo –, conceitos fundamentais sobre sentidos e significados começaram a ser questionados por autores, muitos dos quais advindos do próprio gerativismo, como Lakoff, por exemplo, acabaram ganhando seu espaço no mundo acadêmico com os estudos sobre a construção de sentidos através da cognição humana, explorando a vertente cognitivista a partir de um novo viés, agora privilegiando a língua em uso e os significados que se construíam.

Para que possamos entender a importância da linguística cognitiva e seus processos para este trabalho, voltemos um pouco para os estudos gerativistas que, como foi dito no parágrafo anterior, já discutiam a importância da mente para a comunicação. Contudo, essa escola ignorava a influência de aspectos sociais e interativos que definiam, de uma forma mais específica, o uso concreto da língua em situações reais da comunicação.

Outro ponto importante para a compreensão da distinção entre as teorias é o conceito de modularidade da mente que está ligada a proposta de sintaxe. Martelotta (2011) explica isso no *Manual de Linguística*:

Outro aspecto importante da teoria chomskiana está no princípio da modularidade da mente, segundo o qual a mente é composta de módulos ou partes. Cada um desses módulos responde pela estrutura e desenvolvimento de uma forma de conhecimento. [...] E o mais importante é que esses módulos atuam separadamente, de maneira que cada um deles só tem contato com o resultado final do trabalho dos outros. (Martelotta, 2011 p. 178)

Logo, a atuação da mente é esquematizada de forma individual e, portanto, não há um entrosamento no momento em que juntamos nossas ideias para construir orações, pois o nível sintático é conhecido exatamente por ter esse valor autônomo e com isso na construção de frases, usamos um mecanismo já inato que não são ligadas totalmente aos seus significados.

Como veremos, neste trabalho, a linguística ao se aliar a ciência cognitiva, expõe fundamento teórico essencial para explicar a dependência da compreensão da linguagem nos processos mentais de construção de sentidos, que são intrinsicamente dinâmicos, essencialmente criativos e dependentes da imaginação. Kovecses (2006) comenta o aprofundamento da relação entre a questão do significado e os processos inerentes à linguagem, à mente e à cultura, pois, segundo Kovecses (2006) a LC é “muito mais do que uma teoria da linguagem; nós podemos talvez pensar sobre ela como uma teoria da ‘construção do significado’”³ (p. 4). Esse autor alega que o estudo da cognição humana está baseado na natureza do conhecimento, a forma como nós adquirimos este conhecimento e como esse conhecimento é interpretado em nossas mentes.

De acordo com Ferrari (2011), a expressão linguística cognitiva (LC) já era vista no cenário linguístico nos anos sessenta. Sabe-se, que a LC originou-se frente a divergências da gramática gerativa encontradas por alguns pesquisadores, que seguiram com a pesquisa em semântica cognitiva, citamos aqui alguns: George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier. Para eles, a concepção chomskiana de que “a linguagem é o espelho da mente”, não era suficiente e devia ser aprimorada. Em razão disso, apresentam uma nova teoria cognitiva, onde:

³ **No original**, “far more than a theory of language; we can perhaps think of it as a theory of ‘meaning making’”.

o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através de que o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido” (FERRARI, 2011, p. 14).

Dessa forma, a compreensão da linguagem está baseada na relação com o mundo, isto é, na experiência e no uso, estando totalmente ao contrário da noção da teoria objetivista anterior, que segundo Lakoff e Johnson “é um termo genérico, o qual engloba o Racionalismo Cartesiano, o Empirismo, a Filosofia Kantiana, o Positivismo Lógico [...] que entendem a linguagem como mero espelho da realidade objetiva” (2002, p. 11). Essa teoria objetivista atesta que “identifica o significado de uma sentença às condições sob as quais esta pode ser considerada falsa ou verdadeira (relação direta entre palavra e mundo)” (Ferrari 2011, p.15). Seguindo um lado oposto, a LC afirma que o significado é concebido como construção mental que leva em consideração a interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados afetados por crenças socioculturais a partir de categorizações e recategorizações em movimentos contínuos. Portanto, essa relação estabelece-se numa visão enciclopédica do significado e anula a ideia de visão do dicionário usada tradicionalmente nos estudos da semântica.

No que se refere às visões enciclopédica e de dicionário, é pertinente trazer para este trabalho que esses conceitos vêm sendo estudados mais recentemente no que tange a sua distinção que, de forma alternativa, “sustenta que o conhecimento de dicionário é uma subparte do conhecimento enciclopédico mais geral” (Ferrari 2011, p.16) Portanto, o conhecimento é atestado pela orientação do contexto na construção do significado, toda a ideia trazida no parágrafo acima é aplicada através dessa concepção, visto que uma palavra, além da sua significação enquanto verbete, ela pode ter nela várias projeções que podem ser ativadas a partir da experiencição de cada indivíduo e compreensão entre os interlocutores compartilhada.

Com base nas leituras feitas até o presente momento, é possível notar que há um afastamento em relação à abordagem adotada na linguística moderna que é racionalista, (ou seja, a relação entre a linguagem e mente pressupõe a existência de uma capacidade inata e deixa excludente a participação da base corporal da experiência humana) da aderida pela Cognitiva que compreende por uma perspectiva empirista e alinhada a experiência humana e a centralidade do corpo humano. Assim, como diz Ferrari “a

investigação do mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal” (p.21)

A importância dessa corporificação não está relacionada somente a experiência, mas também a estrutura da cognição. Certas noções que temos resultam na experiência pré-conceptual. À vista disso, esquemas imagéticos derivados de percepções sensório-perceptuais são constituídos através dessas tais noções como NATUREZA, CALOR e FRIO.

Jackendoff (1983) define isso como uma realidade projetada, que seria a representação mental da realidade, tal como construída pela mente humana, mediada por nossos sistemas perceptuais e conceptuais únicos. Retomando a proposta filosófica de Putnam (1981) em relação à razão humana, Lakoff (1987) insere o realismo experiencialista em seus estudos:

Ambos os nomes refletem a ideia de que o pensamento fundamentalmente cresce fora do corpo. "Experiência" aqui é tomado em um amplo sentido ao invés de um sentido restrito. Ele inclui tudo o que vai fazer-se experiências reais ou potenciais, tanto para organismos individuais quanto para comunidades de organismos - não apenas percepção, movimento do motor, etc., mas especialmente a composição geneticamente adquirida interna do organismo e da natureza de suas interações, tanto na sua física e seus ambientes sociais.⁴

Mesmo reconhecendo a existência da realidade externa, o realismo experiencialista defende que, em virtude da forma e da configuração dos corpos e cérebros humanos, assenta-se necessariamente uma perspectiva específica entre várias perspectivas possíveis e semelhantemente exequíveis em relação ao mundo.

Após do exposto, vemos que o conhecimento é uma construção e estará imerso no contexto social e na compreensão do mundo de cada um, dentro da visão experiencialista. Considera-se que essa visão se encaixa na segunda geração da ciência cognitiva, designada como Realismo corporificado – que irá estar na base das teorias

⁴ **No original**, Both names reflect the idea that thought fundamentally grows out of embodiment. "Experience" here is taken in a broad rather than a narrow sense. It includes everything that goes to make up actual or potential experiences of either individual organisms or communities of organisms - not merely perception, motor movement, etc., but especially the internal genetically acquired makeup of the organism and the nature of its interactions in both its physical and its social environments.

centrais da LC, como: frames, espaços mentais, mesclagem conceituais, que veremos mais a frente. Por isso, tudo o que compreendemos ao nosso redor deve-se a associações e projeções de sentidos que fazemos baseados em nossas experiências sensório-motoras e relacionadas ao nosso conhecimento de mundo; enciclopédico.

Na próxima subseção, vamos entender alguns processos cognitivos que serão de suma importância para o objetivo dessa pesquisa, pois é por elas que a construção de sentidos é dada dentro de um contexto específico qualquer atrelado a nossa comunicação e noção de mundo. Na próxima subseção descreveremos, brevemente, o que sejam: os processos de categorização de mundo, a teoria prototípica e os MCIs (modelos cognitivos idealizados), para dessa forma chegarmos finalmente, ao conceito de frame, metáfora conceitual e a teoria da mesclagem conceitual básicas para nossa análise do corpus.

2.1 Categorização, teoria prototípica e MCIs

Importantes e essenciais, esses conceitos servirão, assim como todos os outros conceitos já citados anteriormente, como parte da agenda de estudos voltados a construção de sentidos e como se dá essa façanha.

Começemos pela teoria da categorização, que é explicada como sendo o processo através do qual agrupam-se entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc.) em classes específicas. Ferrari (2013) utiliza o exemplo dado por Ferrari (2011) em seu artigo com a categoria AVE:

Os membros da categoria AVE, por exemplo, devem “ter bico”, “ter duas asas”, “ter dois pés”, “ter pernas”, “poder voar” e “colocar ovos”. Assim, enquanto gaivotas e pardais seriam membros da categoria AVE, indiscutivelmente, os pinguins precisariam ser excluídos da categoria, por possuírem asas atrofiadas com função de nadadeira e não possuírem pena.⁵

⁵ Artigo apresentado III JORNADA NACIONAL DE LINGUISTICA E FILOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 2013.

Por consequência, percebe-se que não há um traço compartilhado por todos os membros da família, mas um grupo de características que aceita compartilhamentos parciais, já que como não há um traço delimitador das categorias em geral.

As investigações iniciais de Rosch (1973, 1978), tiveram grande influência nos questionamentos ao modelo clássico de categorização, pois levaram a autora a alegar que todos os tipos de entidades são agrupados em termos de categorias prototípicas, cujas demarcações não são claros.

Fillmore argumenta sobre a palavra “*Bachelor*” e a falta de componentes para descrever o significado da palavra.

Dada uma teórica lista de verificação de sentido, a investigação de fronteira em palavras como *bachelor* e *widow* iria levar a sérias questões como estas: Quantos anos é que um homem solteiro tem que ser antes que você pode chamá-lo de solteiro? É alguém que está comprometido profissionalmente para a vida de solteiro considerado propriamente um solteiro? (É correto dizer do Papa João XXIII que ele morreu solteiro?) [...] (Fillmore, 1975 p. 128)⁶

É notório que a ideia tradicional de categorização é falha, pois não há a possibilidade de se agrupar tudo que é necessário para se falar de uma determinada categoria. Na verdade, a definição de termo precisa de referência a um domínio cognitivo específico, denominado *frame*⁷, que aglomera conhecimento compartilhado em relação a aspectos socioculturais adjuntos a outros pontos importantes para interpretação da categoria.

Diferentemente da visão clássica de categorização, que avalia as categorias de forma modular onde se tal lexema não é caracterizado por todas as características pertencentes à determinada categoria, ele não pode ser descrito como tal, as pesquisas feitas por Rosch (1973, 1978), no âmbito da Psicologia, tiveram grande impacto nos questionamentos ao modelo tradicional de categorização, pois ele defende a ideia de que todas as entidades são agrupadas de forma cujo limites não são nítidos, como categorias prototípicas. Dessa forma, os indivíduos categorizam as coisas, seres e experiências

⁶ **No original:** Given a checklist theory of meaning, boundary research on words like *bachelor* and *widow* would take seriously such questions as these: How old does an unmarried man have to be before you can call him a bachelor? Is somebody who is professionally committed to the single life properly considered a bachelor? (Is it correct to say of Pope John XXIII that he died a bachelor?) [...]

⁷ Esse conceito será explicada na subseção *frames*.

cotidianas vivenciadas no mundo, baseando-se em protótipos, ou seja, representações que levem uma coisa, ou algo encaixar-se em níveis de gradações que apontam quantitativamente o grau de semelhança, que levaria algo a pertencer a certo grupo segundo uma referência associativa.

Com o objetivo de elucidar essa concepção de organização categorial, Ferrari (2011, p.42) apresenta um quadro, cujos membros são sabiá, avestruz e pinguim, que compartilham alguns traços da categoria AVE:

SABIÁ	AVESTRUZ	PINGUIM
tem bico tem dois pés põe ovos tem duas asas tem penas pode voar	tem bico tem dois pés põe ovos tem duas asas tem penas	tem bico tem dois pés põe ovos

Quadro 1 - Traços de membros da categoria AVE

O núcleo prototípico da categoria é ocupada por sabiá, posto que possui o maior número de traços que também são encontrados em outros membros da mesma. Já o avestruz não é contemplado por todas as características apresentadas, mas quase todos os traços definidores da categoria, e encontra-se, portanto, um pouco afastado do protótipo. Já o pinguim compartilha apenas três traços com os demais, ficando mais próximo à fronteira categorial.

Contudo, é relevante notar que nem sempre a avaliação de similaridade toma o protótipo como referência, estabelece os membros da categoria em função do grau de compartilhamento de atributos genéricos e independentes do elemento principal.

É importante salientar ainda que o exemplar mais prototípico de uma categoria também pode depender do contexto, e os membros centrais dependentes do contexto podem ser diferentes dos protótipos não contextualizados.

Sobre a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, os princípios existentes de representação da realidade não mantêm, de forma direta, um vínculo com as coisas, objetos, situações, comportamentos, todavia são integrados de forma idealizada. Lakoff

(1987b) diz que a melhor forma de explicar o que seja um MCI é exemplificando, e dessa forma nos explica o que vem a ser um *frame*, compartilhando do exemplo usado por Fillmore, da palavra ‘terça-feira’. Segundo Lakoff, o MCI é um conceito idealizado, pois a palavra ‘terça-feira’ só existe para dar nome a um dia da semana. E que a palavra ‘semana’ também por sua vez é um conceito idealizado, pois na verdade ambas palavras não existem no mundo real. Não podemos tocar a terça-feira, ou a semana, ou o fim-de-semana, são palavras criadas a partir de conceitos, para servirem de representação, a uma certa forma de nomear um conceito de uma coisa, circunstância, ou sentimento, em composição de uma experiência, que só existe dentro de um sistema de valores, que por sua vez é instituído por determinada sociedade. Como Lakoff diz :

“Nosso conceito de semana é idealizado. Os sete dias da semana não existem na natureza objetivamente. Eles foram criados pelos seres humanos. De fato, nem todas as culturas possuem este mesmo conceito para dias da semana”(1987b, p. 69).⁸

Nesse sentido, observa-se que, os MCIs também podem ser compreendidos como sendo modelos culturais, visto o conceito de *frame* também poder ser definido dessa maneira.

Até o momento, já vimos que a construção de sentidos acarreta inúmeros fatores, não só no âmbito da linguagem, mas também no que concerne a compreensão de mundo. De acordo com Fauconnier e Turner (2002), a criação de novos significados se dá a partir de um processo cognitivo denominado de Mesclagem conceptual (conceptual integration network). Entretanto, para que a mesclagem ocorra, outros processos são relevantes para a sua eficácia. Na próxima seção, entenderemos os conceitos de *frames*, metáfora conceptual e teoria dos espaços mentais a fim de explicar a noção de mesclagem.

⁸ **No original**, “Our model of a week is idealized. Seven-day weeks do not exist objectively in nature. They are created by human beings. In fact, not all cultures have the same kinds of weeks”.

2.2 A compreensão dos sentidos: frames, metáforas, espaços mentais e mesclagem conceitual

As palavras têm um papel de extrema importância na comunicação oral e escrita. O papel e o valor que um único lexema podem carregar é tão grande que é possível criar diálogos completamente diferentes usando as mesmas palavras, ou verbetes semelhantes dentro de um contexto específico. Entretanto, para que tal façanha ocorra, é necessário um mesmo conhecimento ou experiência entre os interlocutores. Isso porque, a segurança de que a compreensão será eficaz se dará na facilidade com que uma pessoa compreenderá a outra num discurso, ou seja, se dividirmos as mesmas experiências. Teremos a possibilidade de entendermos uns aos outros a partir dessa ideia voltada a experiência que a Semântica de Frames se desenvolve.

Fillmore (1982) caracteriza esse processo cognitivo como sendo essencial no desenvolvimento comunicativo:

“A Semântica de Frames oferece uma maneira particular de olhar para o significado das palavras, bem como a forma de caracterizar princípios para criação de novas palavras e frases, para adição de novos significados para as palavras, e para reunir as ideias dos elementos de um texto para ideias totais do mesmo.”⁹(FILLMORE,1982 p.111)

Podemos entender *frame* como um tipo de modelo complexo de organização do conhecimento cultural e social compartilhado. Esse modelo é referente a certas expectativas sobre o mundo, que são resultantes de uma experiência primeira a partir da qual novas experiências são julgadas e interpretadas. Logo, a partir de um primeiro contato, muitas interpretações e impressões podem ser tiradas levando-se em consideração certos aspectos que rodeiam determinada estrutura ou um modelo complexo de conhecimento.

⁹ No original, “Frame semantics offers a particular way of looking at word meanings, as well as a way of characterizing principles for creating new words and phrases, for adding new meanings to words, and for assembling the meanings of elements in a text into the total meaning of the text. “

Partindo desse princípio, uma palavra carrega não só sentidos denotativos, mas outros que podem ser caracterizados dentro de um contexto específico ou genérico dependendo do assunto exposto em que os interlocutores estão desenvolvendo. A ideia do *conhecimento de dicionário* é substituída pela noção de *conhecimento enciclopédico* visto que uma palavra carrega definições já engessadas bem como outras noções criadas e relacionadas a ela em determinados contextos.

Fillmore realizou durante décadas um projeto de pesquisa em Semântica empírica onde ele enfatiza a perenidade entre experiência e linguagem. O projeto perpassa o léxico e vai até à gramática e ao texto. Fillmore (1985) define seu modelo como uma Semântica da Compreensão (U-Semantics) em contraposição a uma Semântica da Verdade (T-Semantics), parte, portanto, da insuficiência da descrição do significado lexical em termos de uma lista de condições necessárias e suficientes. Nesse enquadre, nega o caráter estritamente composicional do processo de significação e a divisão entre enciclopédia e dicionário, praticada por estas análises componenciais.

O empenho em pesquisas voltadas a estrutura e semântica lexical determinou o início de um extenso percurso de estudos linguísticos, encabeçados por Fillmore no final da década de 1950.

Os primeiros trabalhos foram sobre a possibilidade de coocorrência de palavras em uma determinada posição. De acordo com o linguista (FILLMORE, 1982, p. 112), o objetivo nesta época era tentar “desenvolver classes de distribuição de palavras como sendo os ‘frames’ dentro dos quais [o autor] poderia descobrir classes apropriadas de elementos mutuamente substituíveis”.¹⁰

No início da década de 1960, o pesquisador esteve engajado em estudos atrelados à gramática transformacional do inglês, para a qual cooperou, de acordo com seus comportamentos gramaticais, com a classificação dos verbos desta língua. Contudo, a pesquisa não era desenvolvida segundo Fillmore (1982, p.113), a pesquisa não era expandida “apenas de acordo com os frames da sintaxe de superfície que acomodavam esses verbos, mas também de acordo com seu ‘comportamento’

¹⁰ **No original:** “[...] to develop distribution classes of English words using strings of words or strings of word classes as the ‘frames’ within which I could discover appropriate classes of mutually substitutable elements”.

gramatical, que era pensado em termos da sensibilidade das estruturas que continham os verbos com relação a certas ‘transformações’ gramaticais”¹¹. O pesquisador achava, nessa época, que o descobrimento do comportamento de uma determinada classe de palavras daria-lhe o caminho para descobertas em relação à estrutura gramatical do Inglês, visto que as características das palavras individuais somente seriam harmonizadas caso a gramática da língua atuasse em específicos princípios de funcionamento.

No entanto, no final da mesma década, Fillmore começou a dividir sua atenção por aspectos não só sintáticos, mas também semânticos dos verbos da língua inglesa. Motivado por estudos a respeito da gramática de dependência e teoria da valência, passou a se atentar com a descrição da valência semântica dos verbos, ou seja, a descrição do papel semântico dos seus argumentos.

Essa trajetória de pesquisa levou Fillmore (1982, p. 115) a considerar que existem estruturas cognitivas mais complexas “capazes de fornecer um novo nível de noções de papéis semânticos em termos das quais se poderiam caracterizar semanticamente domínios lexicais inteiros”¹².

O conceito de frame é então postulado nos termos seguintes: “cada frame de caso caracteriza uma pequena ‘cena’ ou ‘situação’ abstrata, de modo que, para entender a estrutura semântica do verbo, era necessário entender as propriedades da esquematização dessas cenas” (FILLMORE, [1982] p. 115)¹³.

Estavam, portanto, erigidas a experiência e as reflexões necessárias para o desenvolvimento da Semântica de Frames. Dentro da abordagem contemporânea desta teoria, o conceito de frame se amplia; as relações sintático-semânticas de todos os núcleos lexicais (Nomes, Verbos, Adjetivos, Preposições e Advérbios), e não apenas do verbo, passam a ser consideradas (SALOMÃO, 2009).

¹¹ **No original**, “[...] only according to the surface –syntactic frames which were hospitable to them, but also according to their grammatical ‘behavior’, thought of in terms of sensitivity of structures containing them to particular grammatical ‘transformations’.

¹² **No original**, “[...] capable of providing a new layer of semantic role notions in terms of which whole domains of vocabulary could be semantically characterized.

¹³ **No original**, “[...] each case frame as characterizing a small abstract ‘scene’ or ‘situation’, so that to understand the semantic structure of the verb it was necessary to understand the properties of such schematized scenes.

Em outras palavras, um frame pode ser descrito como uma esquematização da experiência depositada em nossa memória de longo prazo (EVANS; GREEN, 2006), elencando os elementos participantes de uma determinada experiência. De acordo com Fillmore (1982, p.11), um frame é “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal maneira que para entender qualquer um deles é preciso entender a estrutura que os comporta como um todo [...]”. Logo, as palavras, para Fillmore, são categorizações de experiência. Partindo desse princípio, duas noções de relevo serviram à configuração do conceito de frame: a de perspectiva e a de protótipo.

Para Fillmore (1977, 1979, 1982), o falante ativa suas experiências relativas ao contexto com o objetivo de entender. Cada uma das cenas é ativada na mente por uma palavra do contexto que, ao acionar a cena, também focaliza uma parte dela, instaurando uma perspectiva. Na mente estão armazenadas as cenas, porém, nas instanciações concretas, elas são representadas de uma perspectiva particular, logo, o foco está em uma porção da cena, não em sua totalidade.

Influenciado na noção de protótipo desenvolvida por Eleanor Rosch (1973 apud FILLMORE, 1982, p. 117), Fillmore (1979, p. 87) assegura que há um recorte de visão sobre uma cena prototípica para cada construção linguística, ou seja, sobre aquela situação que ressaí para os casos mais claros, os exemplos mais corretos. Frente a isso, passou a propor a descrição dos significados das palavras usando a noção de protótipo: descrever as cenas prototípicas, sobre as quais se instauram as perspectivas¹⁴.

Ainda na década de 1970, o artigo *Frame semantics and the nature of language* (FILLMORE, 1976), introduz um aspecto importante para compreendermos a visão do teórico quanto à forma de se investigar fenômenos linguísticos – a noção de contexto, entendido como o conjunto de circunstâncias que embasam uma sentença ou uma experiência que permite o entendimento de uma palavra com o objetivo de abordar aspectos da Semântica de Frames que poderiam contribuir para o modo como se compreende a linguagem humana.

¹⁴ O aprofundamento da teoria desenvolvida por Rosch (1973) foi exposta na subseção anterior.

Nesse fragmento, o autor desconsidera veementemente a abordagem gerativista no que se refere as relações entre o falante e as questões contextuais concernentes ao processo comunicativo:

O linguista tem bons motivos para se preocupar com a descrição do contexto [...] como sendo mais uma complexidade do seu trabalho ao descrever a língua, mas infelizmente tem sido fácil para os linguistas pensar no conhecimento do contexto como apenas mais uma complexidade adicional para o usuário da língua³. (FILLMORE, 1976, p. 23).¹⁵

À vista disso, temos claramente uma argumentação sobre as abordagens inferidas que desprezam o real uso linguístico dos falantes. Esses preceitos são retomados e aperfeiçoados na década seguinte, quando o autor consolida a Semântica de Frames como um programa de análise do significado a partir de situações reais de comunicação (FILLMORE, 1982; 1985).

Sendo assim, a semântica de frames inicia, de certa forma, a nossa capacidade de compreender conceitos mais genéricos a conceitos mais específicos a partir de estruturas mais complexas da fala e do pensamento. Partindo desse pensamento, passaremos entender esse conceito em estruturas mais complexas, como a metáfora conceptual.

2.3 Teoria da metáfora conceptual

Assim como a Semântica de Frames, a teoria da metáfora conceptual surge a partir de conceitos arcaicos relacionados ao seu uso, que muito se entende como uma figura de linguagem. Numa tradição que remonta a Aristóteles, a metáfora foi analisada nos mais diversos domínios da investigação humana, sob um olhar estritamente linguístico. As diferentes abordagens definiam-na como uma figura de estilo, característica da linguagem literária e poética, advindo daí a sua exclusiva finalidade estética e demarcação em relação à linguagem cotidiana.

¹⁵ **No original**, “The linguist has good reasons for regarding the description of context [...] as an added complexity in his job of describing a language; but unfortunately it has been easy for linguists to think of knowledge of context as an added complexity for the language-user as well.

Com os estudos da LC, principalmente com o marco inicial dos estudos de Lakoff e Johnson (1980), o papel da metáfora torna-se amplo em relação a sua aplicabilidade e representatividade num cenário cognitivo. Em *Metaphors we live by*, os autores fornecem uma sequência de evidências de caráter cotidiano nos processos metafóricos transpassando a linguagem e chegando a ação e pensamento. Com isso, Lakoff & Johnson alegam que “nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica”¹⁶ (1980:3). Logo o conceito de metáfora está relacionado a perspectiva que temos sob determinado conceito na medida em que concebemos certos fenômenos de diferentes maneiras a partir de metáforas.

Diante desse conceito, podemos falar de sentimento em termos de direção como “O que houve que você está para baixo hoje?”, pois a ideia de estar triste sempre nos remete a ação de estar para essa direção, assim como o oposto é estar para cima. Outro exemplo é a caracterização dada a uma discussão que pode ser falada em termos de um prédio (Seu argumento desmoronou) ou de uma jornada (Isso me leva à próxima conclusão).

Na sua essência, a metáfora é um mecanismo conceitual e cognitivo que permite explicar uma coisa em termos de outra, partindo da nossa experiência corporal para categorizar entidades e eventos mais abstratos. Assim, este mecanismo caracteriza-se pela relação entre dois domínios conceituais diferentes – transferem-se elementos de um domínio mais concreto para outro mais abstrato, e novas experiências são entendidas na sua integração a conhecimentos anteriores:

As metáforas presentes na língua são uma manifestação da maneira como entendemos e conceitualizamos determinados conceitos. Trata-se de uma operação cognitiva, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos, para compreender/conceitualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta. São, portanto, nossas experiências corpóreas, de diferentes dimensões, que, sendo recorrentes e coocorrentes, geram metáforas que subjazem à nossa forma de falar.» (Lima, 2001 p. 108)

¹⁶ **No original**, “Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature» (Lakoff & Johnson 1980: 3).

Isto posto, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio-fonte está relacionado propriedades físicas e áreas concretas da experiência e o domínio-alvo ao abstrato. Na metáfora *Já estamos perto do Natal*, o domínio-fonte é o tempo e o domínio-alvo seria o evento Natal. Dessa forma, é possível notar que a base desses exemplos não vem de textos rebuscados ou retóricos e até mesmos poéticos, mas sim do que temos como referência e do que vivemos no cotidiano.

O fato de que, em uma mesma língua, um conceito ou entidade possa ser visto de duas formas divergentes testifica o caráter metafórico de sua conceptualização. Como o acesso direto através dos nossos sentidos não é viável, recorremos ao conhecimento de base experiencial (conhecimento enciclopédico) relativo ao espaço e o projetamos para o domínio abstrato.

Um outro caso metafórico clássico dentro dessa perspectiva foi trazido por Michael Reddy (1979). A “metáfora de conduto” (*conduit metaphor*) diz que a linguagem cuja sua utilização é necessária para retratar a comunicação verbal é estruturada, em linhas gerais,

(1) a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra; (2) na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras; (3) as palavras realizam a transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los as outras pessoas; (4) ao ouvir e ler, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e os sentimentos novamente (REDDY, 1979, p. 290)¹⁷.

Dessa forma, a metáfora do canal, segundo Reddy (1979), não é simplesmente uma forma de falar sobre a comunicação, mas uma forma de pensar e agir quando nos comunicamos, e nós a utilizamos com base em nossas experiências e conhecimento de mundo, sem nos darmos conta.

Apesar dessa análise ter sido estabelecida num contexto social e linguístico diferente do nosso, Ferrari (2011) afirma que nós consideramos o falante como coloca objetos (no caso, ideias) dentro de recipientes (no caso, palavras) e as envia (a partir de

¹⁷ **No original**, (1) language functions like a conduit, transferring thoughts bodily from one person to another; (2) in writing and speaking, people insert their thoughts or feelings in the words; (3) words accomplish the transfer by containing the thoughts or feelings and conveying them to others; and (4) in listening or reading, people extract the thoughts and feelings once again from the words.

um conduto) para o interlocutor, que precisa retirar esses objetos dos recipientes para chegar no resultado, que é a compreensão da frase.

Partindo do princípio de que a comunicação é feita a partir de trocas de ideias e opiniões baseadas nos conhecimentos enciclopédicos de cada indivíduo e compartilhados entre si, Lakoff (1993) afirma que as metáforas conceituais podem interagir, gerando sistemas metafóricos complexos. Ele denomina “metáfora de estrutura de evento” que seria um grupo de metáforas que interagem com o objetivo de se chegar a uma metáfora maior, geral.

Com essa ideia sistemática, podemos raciocinar sobre conceitos que envolvam Quantidade, usando metáforas conceituais como ESCALAS LINEARES SÃO TRAJETÓRIAS. Esta metáfora utiliza o conhecimento associado ao esquema imagético de TRAJETÓRIA e projeta esse conhecimento no domínio das escalas lineares, preservando a topologia cognitiva da estrutura imagética. A condição de preservação da topologia cognitiva entre domínios distintos é denominada “Princípio da Invariância”.

Como o próprio já insinua, este conceito baseia-se na ideia de que a estrutura imagética (domínio – fonte e domínio – alvo) não pode ser violada, o que faz com que haja uma limitação nas possibilidades do mapeamento. Este Princípio retrata o fato de que alguém possa, por exemplo, “dar uma informação” sem, excluir algo que já tenha sido “fornecido”. Assim, quando lidamos com expressões do tipo “João deu uma boa notícia à sua mãe”, utilizamos a metáfora AÇÕES SÃO TRANSFERÊNCIAS, em que ações são conceptualizadas como Objetos transferidos de um Agente a um Paciente. Deste modo, no domínio fonte, o Agente fica sem o Objeto que ele deu ao Paciente, mas este elemento não será mapeado no domínio – alvo já que a estrutura do frame CONHECIMENTO, que organiza este domínio, nega que o Informador, ao informar, deixe de ter acesso à Informação que transmitiu.

Utilizando-se do exemplo acima, outra noção importante é a unidirecionalidade das expressões metafóricas, cuja ordem sempre se manterá a mesma, sem ter a possibilidade de troca entre FONTE-ALVO. Isso acontece a partir da ideia explicitada alguns parágrafos acima onde comentamos a ideia de que a proposta inicial desse processo é estabelecida do mais concreto ao mais abstrato, portanto, tornando-se difícil a compreensão inversa disso.

Muito ainda se discute sobre as estruturas metafóricas e suas aplicações em diversos contextos sociais. Tanto é que neste presente trabalho, iremos aplicar essa ideia num contexto nada convencional, contudo em voga na última década. Sabemos que as metáforas não acontecem de forma engessada numa situação específica, levando-se em consideração a afirmação de Lakoff sobre o uso delas. Mas elas podem atuar juntamente a processos de mesclagem a partir da criação de espaços mentais. Esses processos serão abordados nos próximos parágrafos.

2.4 Teoria dos espaços mentais e mesclagem conceptual

Segundo as teorias já apresentadas, tudo relacionado a cognição vai além do que pode ser “tocado” e visto, já que muito do nosso raciocínio é devido ao que experienciamos e isso pode vir a acontecer através da convivência que temos em diferentes grupos sociais. Continuando nesse pensamento, a Teoria dos Espaços Mentais, proposta por Fauconnier (1994,1997), trata do que acontece em nossas mentes, dos processos que se referem ao que acontece por detrás das cenas quando falamos ou pensamos. São construções mentais complexas independentemente se as sentenças são corriqueiras ou não. Poderíamos entender esse conceito por pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Muito disso acontece por causa do nosso conhecimento linguístico e gramatical.

Fauconnier e Turner começaram a publicar o resultado de suas pesquisas nas seguintes obras: *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language*, publicada em 1985; *Mappings in thought and language*, publicada em 1997; e *The way we think*, publicada em 2002. Segundo ambos os autores, os indivíduos pensam através de associações que fazem entre os muitos conceitos a que são expostos, durante suas experiências comunicativas no cotidiano. Fauconnier e Turner assinalam: “O que está por trás das formas é, sobretudo, a capacidade do ser humano de reconstruir significados” (2002, p. 6). Segundo Hurley, Dennett e Adams (2011):

As análises de Gilles Fauconnier sobre o complexo poder cognitivo da mente de humanos adultos o levou a propor um papel no processo da absorção e manipulação da informação para o qual ele chama de espaços mentais. Um

espaço mental é uma região da memória de trabalho onde conceitos ativados e percepções são semanticamente conectados dentro de uma compreensão situacional de modelo holístico. Eles são construídos e acrescentados constantemente (p. 97)¹⁸.

Logo, podemos dizer que os espaços mentais são importantes no que se refere a compreensão do mundo em vista da ideia de que criamos conceitos, a partir de outros conceitos e nos entendemos por compartilharmos conceitos já pré-estabelecidos em nossas mentes, ou conceitos já fixados em nossa memória, mas que a cada momento em que ele é lembrado, é acrescido de algum detalhe que o interlocutor pode julgar necessário. Consideremos como exemplo a leitura de um texto. Quando lemos um texto pela primeira vez, temos uma impressão sobre o que julgamos importante nele. Seus personagens principais, o enredo e outros pontos. Numa segunda e/ou terceira leitura, a nossa percepção no texto será diferente, pois já temos uma ideia do que se trata, porém a probabilidade de acharmos mais características interessantes dele é grande e elas complementaram o que já temos em mente em relação a isso.

A teoria dos espaços mentais surge a partir da vontade de ampliar a teoria da metáfora conceptual (TMC) proposta por Lakoff e Johnson (1980, 2002). Basicamente, essas estruturas disponíveis são constituídas por *frames*, ou como Lakoff (1987) assinala, por MCIs. A essência do processo dos espaços mentais baseia-se na projeção entre os domínios conceptuais encontrados no discurso dado e pode ser modificado dinamicamente durante o transcorrer deste. Onde cada espaço mental, geralmente, irá apresentar elementos que poderão acionar projeções com os outros espaços mentais. Como Fauconnier assinala “Um único espaço mental pode ser construído contendo conhecimento de muitos outros domínios separados”¹⁹ (1997, p. 102).

Para entendermos melhor essa fala do autor, analisemos a frase “*Pedro foi atropelado pela manhã*”. O termo “*ter atropelado*” pode levar a várias interpretações, e tais interpretações são conhecidas por *frames*, que seriam ACIDENTE, CRIME,

¹⁸ **No original**, “Gilles Fauconnier’s analyses of the complex cognitive powers of the adult human mind led him to propose a role in the process of information absorption and manipulation for what he calls a *mental space*. A mental space is a region of working memory where activated concepts and percepts are semantically connected into a holistic situational comprehension model. They are built incrementally and revised constantly”.

¹⁹ **No original**, “A single mental space can be built up out of knowledge from many separate domains”.

SANGUE, MUTULTO e muitos outros. O interlocutor, podem ter em mente todas essas projeções, ou durante uma conversa, as outras projeções podem ser inseridas no seu conhecimento prévio fazendo assim a constante troca e (re)criação de espaços mentais numa fala, como dito anteriormente.

Dessa maneira, percebe-se que a construção de sentidos nos espaços mentais irá se formar através de uma rede de integração de *frames* (e MCIs). É nesse sentido que Lakoff assinala (2014) que “os frames ocorrem na forma de sistemas, onde uma palavra sozinha, tipicamente ativa não somente um *frame*, mas também grande parte do sistema, que este *frame* é referente”²⁰, constituindo assim uma rede de integração de sentidos. A organização de um espaço mental irá disponibilizar informações sobre a natureza específica da constituição de cada *frame*/MCI, disponibilizando, quando for o caso, o tipo de atividade, evento, participantes, e etc, que os caracterizam.

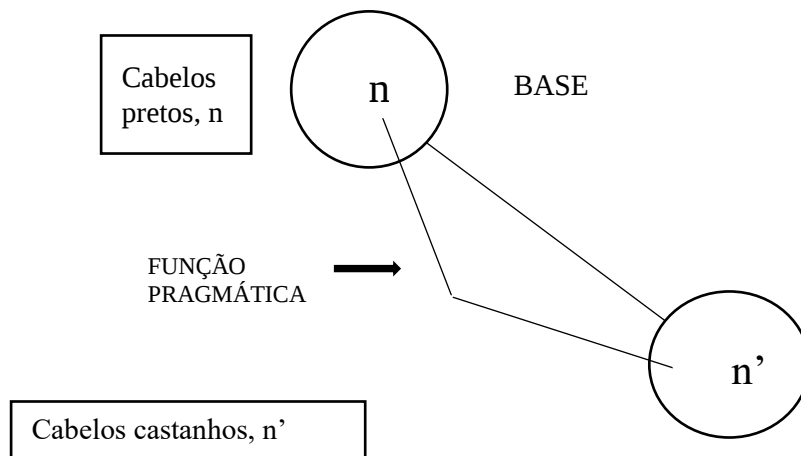
De forma análoga à representação, elementos alocados em espaços mentais podem estabelecer contrapartes.

O conceito de projeção é ilustrado com base na noção de Função Pragmática, que licencia o Princípio de Identidade, descrito a seguir:

“Se dois elementos a e b, são ligados por um conector, então o elemento b pode ser identificado nomeando, descrevendo ou apontando para sua contraparte a, onde o elemento descrito a é considerado o (*trigger*) e elemento identificado b é considerado o (*target*)” (Fauconnier (1997, p. 41)

Consideremos a seguinte sentença: “Na foto, o menino de cabelo castanho tem cabelo preto”. A compreensão dessa frase, para muitos, pode ser um problema, pois envolve uma contradição. Todavia, o fato de a sentença ser aceitável é decorrido pelo fato de que se considerarmos que “o menino de cabelo castanho” e “o menino de cabelo preto” acontecem em dois distintos espaços mentais, um espaço base e um espaço de representação. A relação entre eles existem por um função pragmática que estabelece uma correspondência análoga entre ambas (já que sabemos que “o menino de cabelos pretos é uma representação do “menino de cabelos castanhos”). Vejamos:

²⁰ **No original**, “frames come in systems, a single word typically activates not only its defining frame, but also much of the system its defining frame is in”.



Portanto, os espaços mentais são domínios conceptuais locais que propiciam o fracionamento da informação, concedendo bases alternativas para o estabelecimento da referência. As criações desses tais espaços que são feitos a partir de indicadores linguísticos são chamados de construtores de espaços mentais (*space builders*).

Além da configuração dos espaços mentais, existe um outro processo cognitivo que amplia a noção de construção de significado a partir do que já temos em questão da distribuição de primitivos discursivos e consequente estabelecimento de correspondência entre entidades que fazem parte desses espaços, a mesclagem (ou integração conceptual).

É notória a relevância dada a teoria da mesclagem no processo de criação de novos sentidos a partir de sentidos já criados. Fauconnier e Turner, em 1998, publicam um artigo na *Cognitive Science*, intitulado *Conceptual integration networks*. Nesse artigo, os autores dizem que as palavras obtêm um valor construtivo e como isso o sentido lexical é uma cadeia de estruturas de conhecimento. Dessa forma, os significados surgem a partir de um mecanismo cognitivo denominado de mesclagem conceptual (*conceptual blending*) entre antigos significados e novos significados, considerados emergentes ou episódicos. Para Fauconnier e Turner (2002) a mesclagem cria:

Estruturas emergentes, porém, de forma conservativa, trabalhando a partir de inputs que já possui. Dessa maneira, o conhecimento conceptual desenvolve-se passo a passo, através de uma cascata de mesclagens. Assim, também, como o conhecimento científico e cultural. Uma mesclagem firme e intermediária é necessária antes das novas serem criadas²¹. (2002, p. 393).

Com isso, para que a comunicação exista, como já vimos anteriormente, é necessário um conhecimento prévio para a criação de novas ideias, conceitos e formas de diálogo e textos a fim de buscar novos significados e composições. Temos como exemplo as novelas, peças teatrais e, no caso desses trabalhos, os textos humorísticos que são ricos em processos cognitivos como esse que estamos apresentando.

A mesclagem é uma operação através da qual sistematiza projeção entre dois elementos análogos. Essa relação é licenciada pelo *espaço genérico*, representante da estrutura abstrata que os espaços iniciais têm em comum. Por fim, há um quarto, nomeado mescla (*blend*), que agrega elementos projetados dos *inputs* (elementos análogos), estabelecendo uma estrutura emergente própria não existente nos espaços iniciais. Para tornar mais claro essa definição, vejamos o que é cada parte dentro de um processo de mesclagem:

1. **Projeção interdomínios:** projeção entre as contrapartes dos *inputs* 1 e 2.
2. **Esquema genérico:** estrutura compartilhada entre os domínios.
3. **Mescla:** os *inputs* são parcialmente projetados nesse quarto espaço. Podem ser projetados elementos que eram contrapartes ou não; entidades dos *inputs* podem ser fundidos em um só elemento na mescla, ou ser projetados separadamente.
4. **Estrutura emergente:** Esta estrutura, que é própria da mescla, pode ser construída de três formas:

²¹ **No original,** “Blending creates emergent structure, but it is also conservative, working from inputs that it has. In this way, conceptual knowledge develops step by step, through the cascade of blends. So does cultural and scientific knowledge. Firm intermediate blends are needed before the advanced ones can be created”.

- a). Por composição – os elementos projetados dos *inputs* compõem o espaço-mescla, e as relações que ficam disponíveis não necessariamente existiam nos domínios anteriores à mescla.
- b). Por completamento – a nova composição de elementos de *frames* e modelos cognitivos e culturais ainda não ativados nos *inputs*.
- c). Por elaboração – em função da nova lógica instaurada, é possível haver novas etapas de trabalho cognitivo dentro da mescla.

A figura, a seguir, é uma representação genérica do processo apresentado acima:

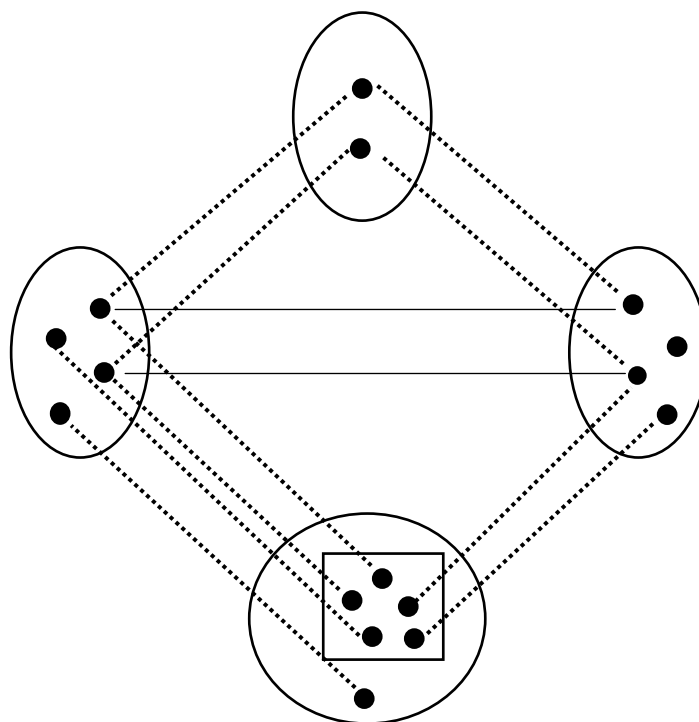


Figura 2 – Processo de mesclagem conceitual.

Como é visto na ilustração, a mesclagem é o resultado da correspondência entre dois espaços iniciais (*inputs* 1 e 2) através de seus elementos em função de características genéricas compartilhadas (Espaço genérico). A formação do espaço-mescla pode ser feito por contrapartes desses elementos e, ainda, por elementos do *Input*

1 que não estabelecem contrapartes no *Input 2* (ou vice-versa). Aliás, nem todos os elementos dos *inputs* precisam ser projetados na mescla.

Existem alguns conceitos relacionados à mesclagem, mas que não serão aplicados na análise do nosso *corpus*. Através dos conceitos apresentados e suas reflexões pertinentes nesse projeto. Passemos para a aplicabilidade do trabalho. Antes disso, conheceremos o *corpus* e como se dará a análise.

3 Metodologia

Para a confecção da presente pesquisa, entendeu-se que seria necessária uma pesquisa de base exploratória, principalmente observando a análise bibliográfica que desse conta de questões relacionadas a humor e suas relações com língua e mente. Tal perspectiva se tornou necessária, tendo em vista que não há tantos trabalhos na área que deem conta do objeto.

A partir desse procedimento, o empreendimento necessário seria o de estudo de caso para que se identificassem no gênero analisado – no caso um espetáculo de comédia *stand up* – como procedimentos linguísticos poderiam ser analisados para que se compreendesse os sentidos que seriam criados.

Fabio Porchat é um dos jovens humoristas da nova geração do humor brasileiro que há alguns anos vem se destacando dos outros por causa de sua versatilidade dentro do ramo. Neste trabalho, utilizaremos sua peça, intitulada *Fora do Normal*, onde Porchat traz ao palco observações bem humoradas sobre situações do nosso dia a dia. Assuntos como casamento, obesidade, viagens, dentre outros são abordados com muito humor e a partir de situações vivenciadas pelo próprio. A peça tem duração de 60 minutos e suas esquetes são bem estruturadas ao passo que a mudança de tema acontece de forma natural e quase imperceptível.

Para serem analisadas, foram escolhidas quatro momentos da peça no qual o Fabio Porchat aborda sobre sua vida de casado divergindo da vida de solteiro. Dentro desses quatro momentos, nós retiramos uma *punch line*. Uma *punch line* é o ápice da construção de uma piada. É geralmente nesse momento em que o público vê a

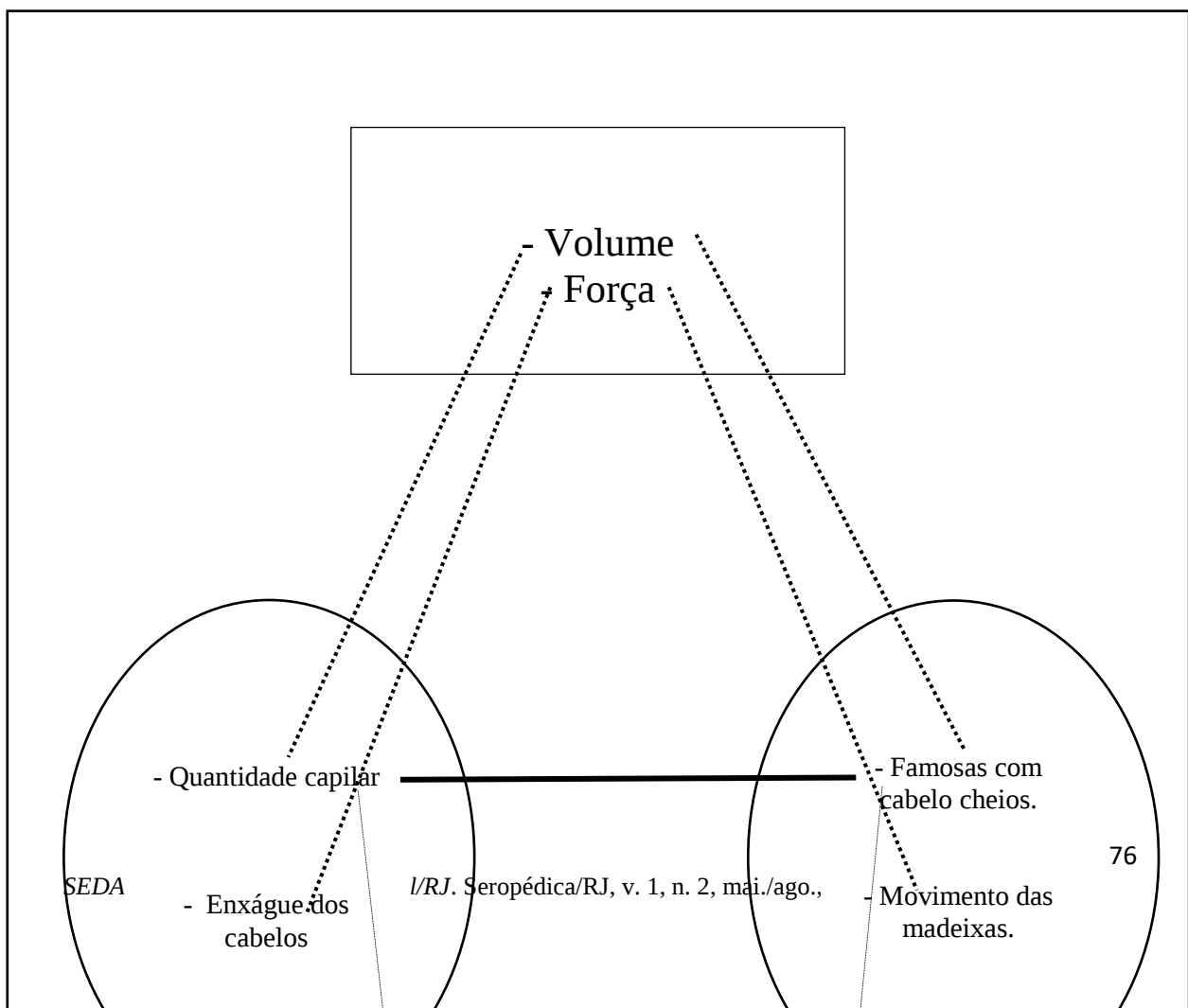
comicidade da piada e, portanto, onde a piada termina. Devido ao resultado esperado através do final das piadas, a análise dessa pesquisa vai ocorrer no momento em que o gatilho da piada é pressionado e qual sensação é demonstrada pelo público em relação à graça esperada. Após isso, usaremos cada *punch line* e aplicaremos o diagrama da mesclagem conceptual.

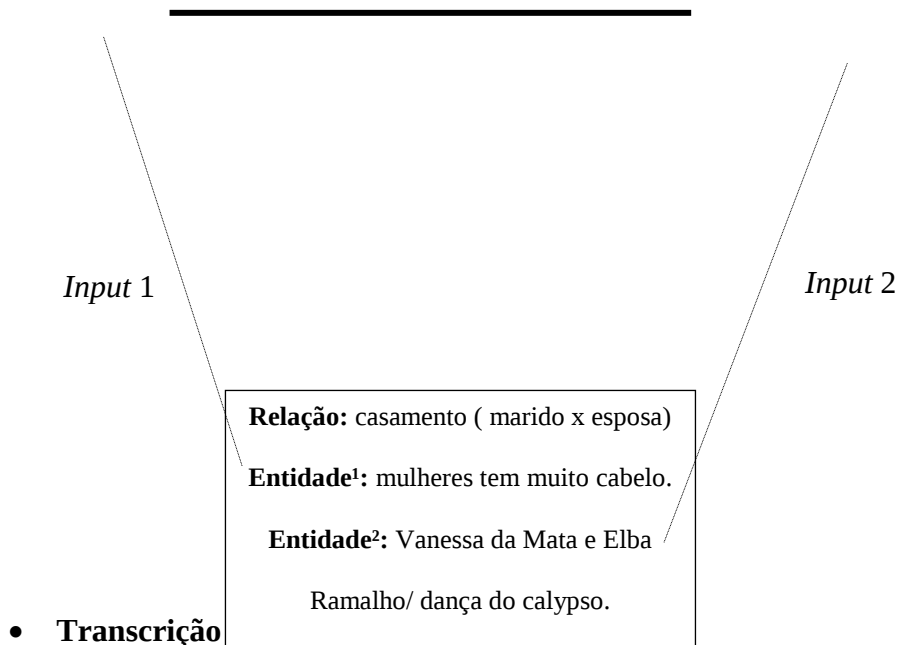
Para entender melhor como funcionam a mesclagem nas piadas selecionadas, primeiramente iremos apresentar a transcrição da esquete e logo após um diagrama da piada. Em seguida, a análise de forma descritiva explicando o diagrama e os procedimentos fundamentados pelas teorias cognitivistas.

4 A análise

Vejamos a análise das *punch-lines* retiradas do *corpus* escolhido:

- **Análise da piada 1**





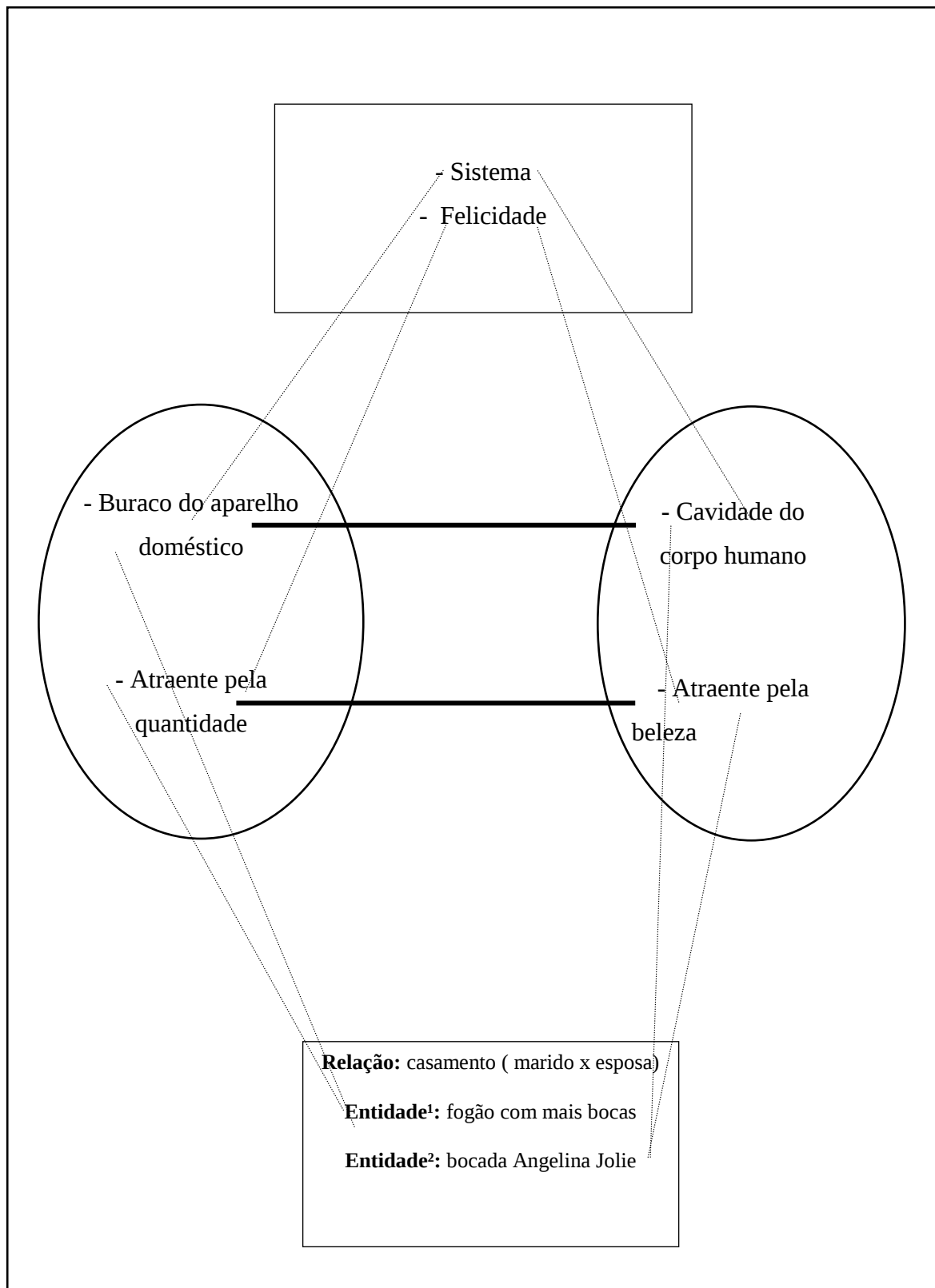
[00:04:38] Mas eu me casei com uma mulher
 [00:04:39] E só quando você se casa com uma mulher,
 [00:04:40] e passa a viver na mesma casa que uma mulher
 [00:04:41] É que quando você se dá conta
 [00:04:42] de quanto cabelo
 [00:04:43] uma cabeça humana
 [00:04:44] é capaz de produzir
 [00:04:45] tá certo?
 [00:04:46] Quando minha mulher saía do banho,
 [00:04:47] Não parecia que ela tinha tomada banho sozinha, não
 [00:04:48] Negativo!
 [00:04:49] Parecia que no *box* com ela
 [00:04:50] *tava* Vanessa da Mata e Elba Ramalho
 [00:04:51] dançando Calypso

No primeiro *punch line*, a primeira entidade está relacionada a esposa do Fábio Porchat que tem muito cabelo, assim como o próprio menciona na introdução da piada. Ele generaliza dizendo que mulheres têm muito cabelo, o que nos faz projetar frames como a quantidade capilar de uma mulher, que no geral usam cabelos longos e também

o enxágue dos cabelos, pois ele se refere sobre o momento em que ela sai do *box* do banheiro, após o banho. Os frames projetados a partir da entidade ², Vanessa da Mata e Elba Ramalho é em relação a quantidade de cabelo que ambas as cantoras possuem e são conhecidas pelo público. Ainda na entidade² temos a dança do Calypso que é conhecida pelo movimento feito pela vocalista da banda que joga seus cabelos para frente e para trás, logo o movimento dos seus cabelos.

A relação feita por Porchat está ligada ao fato do cabelo de sua mulher, que ao lavar, cai muito, principalmente pela quantidade, o que faz o *box* do banheiro ter muitos fios de cabelo. Porchat utilizou a hipérbole através da metáfora que ele construiu onde para ele, seria inconcebível que apenas ela tenha tanto cabelo. Portanto, ele mencionou a presença de mais pessoas fazendo um movimento o qual soltaria mais fios de cabelo no banheiro.

• Análise da piada 2



- Transcrição do trecho 2

[00:05:52] Realmente
[00:05:53] o homem não *tá* preparado
[00:05:54] *Cê* vê que o homem não está preparado
[00:05:55] pela casa do homem solteiro
[00:05:56] a casa do homem solteiro se tem um *puff*
[00:05:57] *tá* mobiliado
[00:05:58] *tá* excelente! [risos]
[00:05:59] Minha mulher chegou *lá em casa*
[00:06:00] começou a modificar as coisas
[00:06:01] que eu nem sabia que podiam mudar
[00:06:02] Ah, vamos trocar a maçaneta
[00:06:03] mas gente, a porta
[00:06:04] está abrindo, né!? [risos]
[00:06:05] Não vejo necessidade! [risos]
[00:06:06] Ah, vamos *botar* um fogão
[00:06:07] de seis bocas!
[00:06:08] Eu achava quatro
[00:06:09] uma multidão de boca!
[00:06:10] Pra mim, seis bocas
[00:06:11] Só se uma das *boca* for
[00:06:12] da Angelina Jolie, se frita um ovo
[00:06:13] e já se diverte ali! [risos]
[00:06:14] pelo menos [risos]
[00:06:15] dá uma tranquilizadinha boa [risos]
[00:06:16] na alma, né? [risos]

O comediante fala sobre algumas diferenças entre mulheres e homens quando ambos decidem morar juntos. A piada analisada é relação a um fogão com muitas bocas e um motivo para o marido comprar um fogão com mais bocas. Na concepção dele isso aconteceria se uma delas fosse da atriz americana Angelina Jolie. As entidades desse *punch line* são o fogão e a boca da artista. O *input 1* nos remete a parte do fogão, no caso, a boca e quantidade que um aparelho doméstico pode conter. Já no *input 2* temos a boca avantajada e carnuda da artista, pois é um dos motivos pelo qual uma parte do

público a conhece, além do seu trabalho no ramo e sua beleza que é atraente e chama a atenção do público, principalmente uma parte do gênero masculino.

A relação entre os domínios apresentados está no motivo pelo qual Fabio Porchat, supostamente, teria para adquirir um novo fogão e com isso a felicidade que seria para ambos em ter um novo e grande fogão.

Outra questão importante para a realização dessa piada e os sentidos que temos ao utilizar a palavra boca. Ela é uma palavra polissêmica e por isso, nos dá espaço para diferentes frames que compartilhados ajudam na construção do sentido da piada.

5 Considerações finais

Nesse trabalho refletimos um pouco sobre a Linguística Cognitiva e seus processos separadamente a fim de ser didático o suficiente para se compreender como se daria a análise do *corpus* escolhido.

Após entendermos como se dá o processo para a construção de novos sentidos dentro do humor, podemos concluir que para que uma *punch line* resulte em algo, de fato, engraçado, além das expectativas criadas a partir do conceito serem, geralmente quebradas por assuntos corriqueiros que são vistos por uma perspectiva não convencional, outro ponto interessante é a necessidade de se compartilhar o mesmo conhecimento de mundo para que aquela piada surta algum efeito positivo (ou, por quê não, negativo?) nas pessoas.

A mesclagem acontece exatamente, partindo-se do princípio de que em algum momento, as projeções feitas terão alguma relação ativada por situações experienciadas tanto pelo comediante quanto pela plateia. A necessidade de conhecer os conceitos apresentados (Metáfora conceptual, *frames* e Teoria dos Espaços Mentais) é devido a ativação das ideias a partir de frames que estão contidos em metáforas que, na maioria da vezes, são as próprias piadas que constroem o que achamos engraçados ou o que alguns acham graça e outros não, pela falta de conhecimento prévio de tal assunto. Por isso, que muitos humoristas, inclusive o Fabio Porchat, contextualizam ou, até introduzem, certo conteúdo no intuito de ter uma maior probabilidade de aplicar uma piada “eficaz”.

REFERÊNCIAS

- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Disponível em: <<http://terpconnect.umd.edu/~israel/Fauconnier-MentalSpaces.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.
- _____. *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge, Mass.: MIT, Press, 1985.
- _____. *Mappings in thought and language*. UK: CUP, 1997.
- _____. Cognitive Linguistics. In: *Encyclopedia of Cognitive Science*. Disponível em: <https://fias.uni-frankfurt.de/~triesch/courses/cogs1/readings/Cognitive_linguistics.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2015.
- _____. Conceptual blending, form and meaning. *Recherches en communication*, n. 19 2003. Disponível em: <<http://tecfa.unige.ch/tecfa/mal/tt/cofor-1/textes/Fauconnier-Turner03.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2015.
- _____. Conceptual Integration Networks. *Cognitive Science*, v. 22, n. 2, p. 133-187, 1998.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FILLMORE, C. J. *An alternative to checklist theories of meaning*. In: Cogen, C. et al. (Eds.). Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975. p. 123-31.
- _____. *Frame Semantics*. In: Linguistics in the Morning Calm. Seoul, Hansinh Publishing Co., 1982. p.111-137.
- _____. *Frame semantics and the nature of language*. In: Annals of the New York Academy of Sciences: Conference on the Origin and Development of Language and Speech, Vol. 280, 1976. p. 20-32.
- _____. *Frames and the semantics of understanding*. In: Quaderni di Semantica, vol. 6, n. 2, 1985. p.222- 254.
- LAKOFF, George. “Conceptual metaphor: the contemporary theory of metaphor”. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlim: 2006, p. 185-238.
- _____. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind*. Chicago: TheUniversity of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LIMA, Paula Lenz Costa. *Metáfora e Linguagem*. São Paulo:Annablume; Porto Alegre: Nova Prova;Caxias do Sul: Educus, 2001.
- REDDY, M. *The Conduit Metaphor*. In: ORTONY, A. (org.). Metaphor and Thought. Cambridge: s.e., 1979.
- _____. *The contemporary theory of metaphor*. In: Andrew Ortony. Metaphor and thought. 2nd ed. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.
- TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind’s hidden complexities*. New York: Perseus, 2002.



LAKOFF, George. ***On metaphor and blending***. Disponível em:
<<http://www.cogsci.ucsd.edu/~coulson/spaces/GG-final-1.pdf>>. Acesso em: 3 out.
2015.

Recebido em: 10 de setembro de 2016.
Aprovado em: 25 de outubro de 2016.